

# O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NA INFÂNCIA EM PRODUÇÕES DE NARRATIVAS ORAIS

## THE PROCESS OF REFERENCING IN CHILDHOOD IN ORAL NARRATIVE PRODUCTIONS

Janaina Silva Oliveira  
Márcia Helena de Melo Pereira  
Ronei Guaresi  
UESB

**Resumo:** Nesta pesquisa, investigamos o processo de referenciação na produção de narrativas orais realizadas por crianças. Este é um estudo descritivo, baseado em relatos orais produzidos por seis crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública a partir de uma sequência de figuras. Teoricamente, embasamos-nos em Cavalcante (2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Bakhtin (1997) e Marcuschi (2008). As narrativas analisadas mostraram que as crianças tiveram dificuldades na utilização das expressões referenciais, quais sejam: no uso das introduções referenciais, na utilização esperada da dêixis espacial e no emprego da anáfora. Dessa forma, o estudo aponta para a importância de se trabalhar, desde a infância, as expressões referenciais de uma forma adequada para a sua faixa etária.

**Palavras-chave:** Referenciação; Gênero narrativa oral; pré-escola.

**Abstract:** In this research, we investigated the process of referencing in the production of oral narratives performed by children. This is a descriptive study based on oral reports produced by six children of the first year of the elementary School of a public schools from a sequence of figures. Theoretically, we are based on studies from Cavalcante (2013), Cavalcante, Custodio Filho e Brito (2014), Bakhtin (1997) and Marcuschi (2008). The narratives assessed they showed that children had difficulties in the use of any referential expressions such as: the use of referential introductions, in the correct use of spatial dêixis and the application of anaphora. In this way, the study indicates the importance of to work, since childhood, the referential expressions in an appropriate way for their age group.

**Keywords:** referencing; oral narrative genre; preschool

### INTRODUÇÃO

Nosso propósito, nesse trabalho, é investigar o processo de referenciação na produção de narrativas orais realizadas por crianças de uma escola da rede pública de ensino, cursando o 1º ano do ensino fundamental, a partir de uma sequência de figuras (LE

BOEUF, 1976)<sup>1</sup>. No gênero narrativa oral, há a produção de um discurso com características da realidade, composta por diversos personagens, com espaço e tempo definidos (ALMEIDA; FREITAG, 2012). Assim, o discurso oral indica uma série de acontecimentos ocorridos na situação da narrativa, os quais, neste estudo, são produzidos por crianças e, posteriormente, analisados a partir de uma sequência de imagens.

Por meio da produção de narrativa oral, é possível analisar o contexto em que a criança está inserida, o uso da imaginação e seu conhecimento sobre aspectos linguísticos. Um desses aspectos é a referenciação, definida por Cavalcante (2013) como “uma atividade de construção de referentes (ou objetos de discurso) apreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamada de expressões referenciais” (CAVALCANTE, 2013, p. 98). Sendo assim, é possível perceber o referente em um texto ou discurso narrativo por meio das expressões correspondentes.

Certos processos linguísticos são importantes para que o ouvinte compreenda uma narrativa oral: a referenciação é um deles. Sabendo disso, perguntamo-nos: como ocorre o processo de referenciação em produções textuais realizadas por crianças na idade pré-escolar?

O interesse por esse estudo surgiu devido à carência de pesquisas que investigam a referenciação em produções textuais realizadas por crianças em idade pré-escolar e que também investiguem como essas crianças utilizam a sequência textual típica de gêneros narrativos. Acreditamos que a falta de ensino da referenciação desde a etapa inicial de escolarização pode gerar consequências negativas para o aprendizado posterior da criança, comprometendo seu desempenho escolar.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em nosso aporte teórico, trabalharemos com três conceitos fundamentais: com o conceito de referenciação, de acordo com Cavalcante (2013), principalmente no que diz respeito às expressões referenciais intituladas “introdução referencial”, “dêiticos” e “anáfora”; com o conceito de gênero do discurso, contemplado, basicamente, por meio das reflexões de Bakhtin (1997); com o conceito de tipo textual (MARCUSCHI, 2008), que é a composição do texto produzida pelas crianças da pesquisa. Iniciemos

---

<sup>1</sup> A referida sequência de figuras pode ser visualizada na Figura 1 da descrição metodológica deste estudo.

O processo de referenciação é uma das formas de estabelecimento de coesão textual, pois está pautado no resgate anafórico ou na projeção catafórica, bem como no processo interativo com o texto. Segundo Koch (2005), a coesão é o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos estão presentes na superfície do texto, estão entrelaçados por meio de recursos também linguísticos, formando sequências que veiculam sentido de forma coesa e coerente. Portanto, a fala e também o texto escrito não se constituem apenas numa sequência de palavras ou de frases. A sucessão de coisas ditas ou escritas forma uma corrente que vai muito além da sequencialidade.

Nesse contexto, assumem importância crucial os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, como os referentes textuais, que garantem a coesão do texto e imprimem a visão de mundo do autor. Segundo Koch (2005), são elementos referenciais os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação. De acordo com esse viés, as categorias não são dadas a priori, numa perfeita relação de correspondência com os objetos do mundo, mas construídos no e pelo discurso, o que nos permite assegurar a instabilidade constitutiva das categorias e sua variabilidade e flexibilidade.

Koch (2005) afirma que a referenciação constitui uma atividade discursiva. Essa perspectiva de análise postula uma visão não-referencial da língua e da linguagem, o que possibilita criar uma instabilidade das relações entre as palavras e as coisas. Sendo assim, a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas pela forma como sociocognitivamente interagimos com ele.

De acordo com Cavalcante (2013) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), os processos referenciais são classificados, grosso modo, da seguinte maneira: introdução referencial, anáfora e dêiticos. A introdução referencial é uma estratégia utilizada para introduzir um elemento novo no discurso, que não está ancorado com nenhum outro elemento prévio (CAVALCANTE, 2013; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Por exemplo, na frase “O bêbado, no ponto de ônibus, olha pra uma mulher e diz: você é feia, hein?” (CAVALCANTE, 2013), as introduções referenciais são os termos “bêbado” e “mulher”. Esses referentes aparecem pela primeira vez na frase. Constituem formas de introduzir um objeto de discurso, que não estão ancorados com nenhum elemento do discurso (CAVALCANTE, 2013; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

Quanto à anáfora, interessamo-nos, nesta investigação, pelas anáforas direta, indireta e encapsuladora (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). A anáfora direta acrescenta informações sobre o referente e colabora para a progressão das ideias ao longo do texto. A anáfora indireta é aquela que não retoma o mesmo referente e está ancorada pelo próprio cotexto. Segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a característica mais marcante da anáfora indireta é que “sua interpretação depende de outros conteúdos fornecidos pelo contexto, e elas não têm correferência com nenhuma outra entidade já introduzida” (p. 72). A anáfora encapsuladora, por sua vez, tem a função de resumir partes do texto, a fim de colaborar para a continuidade e a progressão textual. Ela pode encapsular uma pequena parte do texto, ou uma maior parte, e até mesmo o texto inteiro (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

Já os dêiticos são expressões referenciais que servem para criar uma ligação entre a situação de interação comunicativa e o cotexto. Para encontrar o dêitico em um texto, é fundamental saber quem é o locutor, com quem interage, qual o espaço e o tempo da situação comunicativa dos interlocutores (BENVENISTE, 1988). Há diferentes tipos de dêiticos, mas os mais recorrentes são: pessoal, espacial e temporal.

O dêitico pessoal refere-se aos participantes da situação comunicativa, locutor e interlocutor (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Por exemplo, na frase “Eu e você somos os fundadores dessa empresa”, as expressões “eu” e “você” fazem referência às pessoas do discurso enunciativo, portanto são considerados dêiticos pessoais.

Já o dêitico espacial refere-se à localização do locutor em relação ao referente e aponta para um lugar específico e relacionado a quem fala (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Na música “Emoções”, de Roberto Carlos, podemos encontrar exemplos de dêiticos espaciais no seguinte trecho: “Quando eu estou aqui, eu vivo esse momento lindo...” (CAVALCANTE, 2013). Nesse trecho, os termos “aqui” e “esse” apontam para o lugar da cena enunciativa.

O dêitico temporal faz referência ao locutor no momento da situação comunicativa (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). É o que se verifica nas seguintes frases: “A Joana faz aniversário amanhã” e “Não podemos esquecer que o casamento de Joana é neste domingo”. As expressões referenciais “amanhã” e “neste domingo” localizam, no tempo do enunciador, determinados fatos: o aniversário e o casamento.

De acordo com Bakhtin (1997), é enquanto inscrito em um gênero do discurso, vinculado a certo campo da atividade humana, que o sujeito se apropria da linguagem e se constitui. Sendo assim, o conceito de gênero é de suma importância para tratarmos

qualquer assunto relacionado à investigação de textos. Nossos sujeitos produziram narrativas orais com a predominância do tipo textual narrativo. Vejamos, sucintamente, esses conceitos.

Segundo o teórico russo, os gêneros surgem nos diversos campos da atividade humana, por isso incluem toda gama de diálogos cotidianos, bem como enunciados da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica. Como a atividade humana é virtualmente inesgotável, a variedade e a heterogeneidade dos gêneros orais e escritos comportados nesses campos de utilização são infinitas, contudo passíveis de serem captadas em suas particularidades. De acordo com Bakhtin (1997):

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 261-262).

Portanto, de acordo com a visão Bakhtiniana, para interagirmos, diariamente, produzimos textos que seguem formas relativamente estáveis de enunciados já existentes na sociedade, ou seja, seguem os gêneros discursivos produzidos e reproduzidos em uma comunidade.

No que diz respeito ao ensino-aprendizagem, aspectos teóricos e terminológicos devem ficar claros para o professor, que nem sempre os analisam de modo apropriado. Trata-se de distinguir entre o que se convencionou chamar de tipo textual, gênero textual e domínio discursivo.

Segundo Marcuschi (2008, p.158), a noção de *tipo textual* remete às diversas sequências linguísticas que podem ser encontradas em um único gênero, as quais podem ser classificadas nas seguintes sequências tipológicas: injuntiva, descritiva, argumentativa, expositiva e narrativa. Em um gênero, podemos encontrar sequências tipológicas diversas, o que o leva a ser tipologicamente variado. Quanto à noção de *gênero textual*, são os textos concretos que são encontrados na vida diária. Para classificá-los, predominam critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e conteúdos. *Domínio discursivo*, por sua vez, são as formações históricas e sociais que originam os discursos. Como exemplo, o autor cita o discurso jornalístico, o discurso jurídico e o discurso religioso, que não são gêneros em particular, mas originam vários deles.

Não se deve assumir, portanto, uma visão dicotômica entre tipo e gênero, pois o que de fato ocorre é uma relação de complemento: todo texto pertence a um domínio discursivo (religioso, pedagógico, etnográfico, sociológico, etc.) e realiza-se em algum gênero, e todos os gêneros realizam sequências tipológicas heterogêneas, ou seja, todo gênero pode (ou não) apresentar grande heterogeneidade tipológica.

O gênero em questão apresenta como propósito enunciativo mostrar uma situação transformada ao longo das ações dos personagens relacionada com um fato causador de tensão dentro de uma história. Nele, há o predomínio do tipo textual narrativo, pois se trata do relato de uma história com uma situação inicial de equilíbrio, que após uma tensão causa transformação nas ações dos personagens, com um desfecho no final.

Cavalcante (2013) informa que a tipologia narrativa é constituída por sete fases, a saber: situação inicial, complicação, ações para o clímax, resolução, situação final, avaliação e moral. Um exemplo dessas fases pode ser encontrado na história que as crianças do estudo produziram a partir do apoio visual de figuras:

A história trata de um garoto que percebe um cachorro andando pela rua e decide levá-lo para casa (situação inicial). Chegando a casa, o garoto sinaliza ao animal que não faça barulho e o esconde dentro de um armário (complicação). Quando a mãe do garoto abre a porta do armário e vê o cachorro, ela exige uma explicação (ações). O garoto implora que ela lhe deixe ficar com o cão, pedido ao qual a mãe atende (resolução). No final, a mãe ajuda o garoto a construir uma pequena casa para o cachorro (situação final).

A situação inicial de equilíbrio, quando o garoto percebe o cachorro na rua, é alterada no momento que ele leva o cachorro para casa e o esconde dentro do armário, que é chamada de complicação. O encadeamento de ações que aumenta a tensão ocorre no momento em que a mãe do garoto encontra o cachorro no armário. A resolução acontece quando o garoto suplica à mãe para ficar com o cão, e no final, ambos constroem a casa para o cachorro. As fases da avaliação e da moral não estão explícitas no texto, mas apresenta a função de reflexão sobre a história. Essas fases na história estão relacionadas com a omissão de informações pelas crianças, qual seja: a história leva a criança a refletir sobre o seu próprio comportamento, não deve esconder informações ou objetos dos pais, pois em algum momento a verdade sempre aparece.

Portanto, o processo de referenciação também está relacionado com o gênero narrativa oral. Assim os tipos textuais, que compõem esse gênero, apresentam “diferentes graus de coesão e diferentes elementos coesivos, ou seja, diferentes modos de dar pistas, na superfície, para chegar ao sentido global e, portanto, detectar sua coerência” (KOCH; TRAVAGLIA, 2005, p. 41). A tipologia narrativa apresenta várias cadeias referenciais, que

estão relacionadas ao protagonista, antagonista, demais personagens, bem como ao espaço e objetos da cena enunciativa (KOCH; ELIAS, 2010).

Nossa pesquisa procura investigar justamente como crianças em idade pré-escolar lidam com o processo de referenciação nessa etapa da escolarização e como elas utilizam a sequência textual típica de gêneros narrativos. Antes de conhecermos os resultados a que chegamos, a seguir veremos como compusemos o corpus que nos serve de base analítica.

## **METODOLOGIA**

Tomamos como base a pesquisa descritiva, baseada em relatos produzidos por seis crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública sobre uma história composta por uma sequência de figuras. A pesquisa descritiva refere-se à exposição de características de um fenômeno que se pretende investigar (GIL, 2002). A tarefa linguística foi a produção de uma narrativa oral com o apoio visual de uma sequência de sete figuras, produzida por Le Boeuf (1976), que versa sobre a história de um menino e o cachorro. Mostramos essas figuras no início da análise das narrativas, na seção a seguir.

Antes da aplicação das produções narrativas, foi realizada uma reunião com os pais para a explicação da pesquisa e a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, a fim de confirmar a presença da criança no estudo. As narrativas produzidas pelas crianças foram gravadas com base nos horários disponibilizados pela professora, a fim de não interferirem no desempenho delas em sala de aula. A narrativa foi gravada pela pesquisadora e posteriormente transcrita, com o propósito de facilitar o acesso e o entendimento de como as crianças utilizaram as expressões referenciais em seu discurso.

No momento da aplicação da tarefa, era dado um tempo para a criança observar a figura, como forma de preparação. E ainda era dada uma instrução sobre a tarefa linguística: Você vai ver uma história com figuras, com início, meio e fim. Quero que você olhe bem as figuras e diga uma historinha com essas figuras. Antes vou dar um tempo para você olhar bem as figuras. E agora está pronto (a)? Podemos começar? Quando a criança ficava calada por alguns segundos, a pesquisadora realizava algumas perguntas com intuito de incentivar a elaboração da narrativa: Quem está na figura? O que estão fazendo? O que eles estão falando?

A seguir será realizada a descrição dos resultados, com a transcrição das narrativas produzidas pelas crianças que separamos do corpus coletado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vamos começar a nossa análise mostrando a você, leitor, a sequência de figuras elaboradas por Le Boeuf (1976) que utilizamos como guia para que nossos alunos narrassem uma história:

FIGURA 1 - Tarefa linguística de produção da narrativa



FONTE: LE BOEUF (1976)

De acordo com Cavalcante (2013), diversos textos podem ter o mesmo referente, mas cada interlocutor pode utilizar das expressões referenciais de diferentes maneiras para representar este objeto de discurso. Nas análises que realizaremos, a seguir, mesmo com apoio visual das imagens vamos considerar o texto produzido, pois mesmo com o apoio visual não podemos ter certeza de que a criança participante faz referência aos personagens da cena apresentada nas imagens. Sobre essa constatação, apoiamo-nos nas considerações feitas por Cavalcante (2013) de que em textos verbos-visuais não nos parece adequado assegurar como cada sujeito acessa um dado referente.

Vejamos, então, a primeira narrativa de nossa discussão, que foi produzida por A. S., do sexo feminino, e com sete anos de idade:

- (1) Eu tô vendo um menino, um *vei* e uma *vea*. Ele está dando carne para o cachorro. Há não ele tá chamando. Ele tá pegando a mala para ir pra casa dele, pra casa do pai dele. Tá escolhendo a roupa. O cachorro tá dentro daqui, é a mãe dele. O cachorro tá dentro do guarda roupa. Que a mãe dele não pode vê. Aqui ele colocou o cachorro dentro do guarda roupa, depois falou para mãe que não tava ninguém no guarda roupa. Aqui ele está fazendo a casinha do cachorro (A.S., sexo feminino, 7 anos).

Os seguintes trechos “menino, vei e vea” e “cachorro” são os introdutores referenciais usados pela aluna, pois eles aparecem pela primeira vez na situação enunciativa. Encontramos, também, dêiticos espaciais na narrativa, nos trechos: “Aqui ele colocou o cachorro dentro do guarda roupa”, “Aqui ele está fazendo a casinha do cachorro” e “O cachorro tá dentro daqui”. As dêixis espaciais “aqui” e “daqui”, nessa situação comunicativa, evidenciam o local onde o menino escondeu o cachorro e a localização da casinha dele, no entanto seu uso pode comprometer o sentido da narrativa se o interlocutor não estiver com as imagens para visualizar o local em que o locutor faz referência (CAVALCANTE; CUSTÓDIO-FILHO; BRITO, 2014). Como vimos em nossa fundamentação teórica, os elementos dêiticos somente adquirem sentido em virtude de sua relação intrínseca com o contexto de fala que se manifesta em torno do enunciador. Fora da enunciação ou mesmo sem algum tipo de ancoragem, são vazios de significado, como bem esclareceu Benveniste (1988). Em nosso caso, estamos levando em conta que para a identificação dos referentes e a conseqüente ressignificação do sentido pretendido pelo locutor, o uso desses termos é resultado da circunstância da produção oral proposta para o estudo. Logo, a nosso ver, a interpretação desses termos é possível desde que na presença das imagens.

Essa narrativa apresenta problemas de anáfora na primeira linha, pois o termo “ele” pode indicar também o introdutor “vei”: “Eu tô vendo um menino, um *vei* e uma *vea*. Ele está dando carne para o cachorro. Há não ele tá chamando”. Além disso, o aluno diz “ele” com frequência, sem fazer referência a quem, perdendo o encadeamento do texto. Outro referente que se perde é a “mãe”, que pode ser entendida como a mãe do cachorro: “O cachorro tá dentro daqui, é a mãe dele”.

Ainda, podemos perceber que A. S. usa as três primeiras fases da tipologia narrativa, a saber: a situação inicial, conforme a primeira imagem, quando o menino percebe o cachorro; a complicação, que ocorre no momento em que o menino coloca o cachorro dentro do guarda roupa; e a fase da ação, no momento em que o menino fala para a mãe que não havia ninguém dentro do guarda roupa, gerando tensão entre os personagens. No entanto, a aluna não expõe as fases “resolução” e “avaliação final”, que direcionam para o desfecho da história.

A segunda narrativa foi elaborada por M. H., do sexo masculino, que tem seis anos de idade. A seguir, sua descrição:

- (2) Tem um cachorro e a mulher passando e o cachorro latiu e esse menino aqui vai para a escola com a mala. É ele falou assim: - Vou vestir a roupa para ir à escola. - Por favor, deixa eu ficar com o cachorro, ele falou assim: - Pode. Aqui é o guarda roupa que ela está fechando. Ela falou: - Deixa eu sair aí, ela deixou passear com o cachorro. Pegou a marreta quando abriu e depois o cachorro subiu (M.H., sexo masculino, 6 anos).

A produção narrativa do aluno apresenta três introdutores referenciais, a saber: “um cachorro”, “a mulher” e “o cachorro”. Essas expressões referenciais não estão ancoradas no cotexto e surgem pela primeira vez na situação comunicativa (CAVALCANTE, 2013).

M. H. utiliza a dêixis espacial “aqui” (advérbio) e “esse” (pronome demonstrativo) nas seguintes frases: “Aqui é o guarda roupa que ela está fechando” e “esse menino aqui vai para a escola com a mala”. Também neste caso, é possível a identificação dos referentes se levarmos em consideração a cena de interlocução, ou seja, a de coleta dos dados em questão: a de um sujeito que procura produzir uma narrativa defronte a uma sequência de figuras e um pesquisador. De outro modo, não é possível identificarmos os referentes, o que comprometeria a ressignificação do sentido pretendido pelo autor.

O aluno também usa a dêixis pessoal “eu” para remeter aos interlocutores da história, no seguinte trecho: “- Por favor, deixa eu ficar com o cachorro, ele falou assim: - Pode. Aqui é o guarda roupa que ela está fechando. Ela falou: - Deixa eu sair aí”.

Ainda, não é possível identificar quem é o referente do pronome “ela” nas frases: “Aqui é o guarda roupa que ela está fechando; Ela falou: - Deixa eu sair aí, ela deixou passear com o cachorro”. Não conseguimos identificar se o referente da expressão anafórica “ela” é a mãe (imagens) ou mulher, descrita no início da narrativa.

Nessa narrativa, ocorreu o predomínio do tipo textual dialogal ao invés do narrativo. Embora seja possível ter diálogos em uma tipologia narrativa, eles são mais comuns no texto escrito e não em narrativas orais. Por mais que a história apresente um diálogo entre a mãe e o filho, o predomínio da tipologia textual deveria ser narrativo, mas a criança opta pelo dialogal. De acordo com Cavalcante (2013), a tipologia textual dialogal é uma sucessão de trocas comunicativas entre os interlocutores da situação enunciativa. Essa inversão de tipologia textual pode ter ocorrido devido ao desconhecimento por parte do aluno de como elaborar uma narrativa. De acordo com Marcuschi (2010), quanto mais dominamos um gênero, melhor nos comunicamos em sociedade. O gênero quadrinhos

pode ainda não ser familiar aos sujeitos da pesquisa, sendo, portanto, um elemento dificultador para a constituição da história por trás das figuras.

A terceira narrativa foi feita por L. R., do sexo masculino, na faixa etária de sete anos. Vejamos:

- (3) É cachorro, uma mulher e um homem. Tá é saindo. Menino brincando com o cachorro. Aí é uma mulher e homi, foi trabaiair. Aqui um menino e o cachorro e esse aí é brusa. A mulher fechando a porta. O menino fazendo a casinha do cachorro (L.R., sexo masculino, 7 anos).

Na narrativa de L. R., ocorreu a presença de quatro introdutores referenciais, a saber: “cachorro”, “mulher”, “homem” e “ menino”, o que completa a primeira imagem. No entanto, o aluno não consegue, ao longo do texto, ligar os referentes às expressões referenciais correspondentes.

Há ocorrência inadequada da única expressão dêitica utilizada (dêixis espacial) no seguinte trecho: “Aqui um menino e o cachorro e esse aí é brusa”. Sem termos o conhecimento das imagens que compõem a cena enunciativa, o interlocutor fica impossibilitado de entender a localização dos personagens e objetos. Sobre essa constatação, trazemos novamente a postulação de Cavalcante (2013) de que em textos verbos-visuais não nos parece adequado assegurar como cada sujeito acessa um dado referente.

Segundo Cavalcante (2013), para a compreensão e a continuidade da progressão de um texto, é fundamental o uso de expressões referenciais. Dessa forma, L. R parece apresentar uma percepção inadequada de ancoragem e expressões referenciais. Por exemplo, os termos homem e mulher da segunda linha não se ligam ao da primeira linha: “É cachorro, uma mulher e um homem. Tá é saindo. Menino brincando com o cachorro. Aí é uma mulher e homi, foi trabaiair”. Além disso, na primeira linha, no trecho “tá é saindo” não é possível identificar quem é o referente, ou seja, qual dos referentes mencionados na primeira frase da linha (cachorro e homem) estão prestes a sair do local. Esses dados permitem duas interpretações: ou o sujeito não tem condições de promover conexões referenciais e/ou não entendeu que a sequência de figuras se trata de uma história apenas, ou seja, o sujeito em questão pode não ter conseguido processar elementos comuns da sequência de figuras apresentadas.

Por último, na narrativa produzida por L.R. há o predomínio da tipologia descritiva. De acordo com Cavalcante (2013), a tipologia descritiva tem como função caracterizar as pessoas ou objetos da situação enunciativa e nela não ocorrem ações. Em sua narrativa, L.R. descreve as pessoas e os objetos que estão presentes nas imagens, ao invés de utilizar a

tipologia textual narrativa que é típica do gênero oral. É o que demonstram os trechos a seguir: é cachorro, uma mulher e um homem; aí é uma mulher e homi, [...] aqui um menino e o cachorro e esse aí é brusa; a mulher fechando a porta. Portanto, a criança apresenta poucas habilidades na produção de narrativa oral. Todavia, o uso do artigo definido em “o cachorro”, “a mulher” é indício de conexão referencial a “um cachorro” e “uma mulher”. Ou seja, esse sujeito já conhece e usa elementos para referência a aspectos velhos e novos no discurso. Ainda, decorrente dessa observação, possivelmente também o termo “homi”, no final, possa referenciar a “um homem”, o que reforça o fato de o sujeito conhecer recursos linguísticos coesivos.

A próxima narrativa foi produzida por Y.O., do sexo feminino, que tem sete anos de idade. Sua narrativa está descrita abaixo:

- (4) Aqui tem um menino [...] é [...] tava olhando pro cachorro. Ai depois ele, ele tava dando carinho no [...] dando comida pro cachorro. Aqui do lado ele tá chamando o cachorro para ir entrar na casa dele. Aqui o cachorro está entrando dentro do armário dele. Aqui é o filho pedindo pra aqui [...] é [...] é a mãe vendo o cachorro aqui dentro do armário, do guarda roupa dele. E aqui é o filho pedindo: - Por favor, pra deixar o cachorro em casa. Aqui é a mãe abrindo o negócio, fazendo uma casa para ele. Aqui é o menininho olhando como se faz a casa dele (Y. O, sexo feminino, 7 anos).

As introduções referencias na narrativa de Y.O. encontram-se nos seguintes trechos: “Aqui tem um menino” e “tava olhando pro cachorro”. Os termos “menino” e “cachorro” apareceram pela primeira vez na situação comunicativa, com o objetivo de introduzir os referentes. Com isso, Y.O. não traz os outros elementos (mulher, carros, homem e etc.) que aparecem na primeira imagem da narrativa, mas opta por trazer para a cena enunciativa os referentes principais da história, a saber: o menino e o cachorro.

Em todas as frases que compõem o texto, Y.O. utiliza a dêixis espacial “aqui” para referir-se à localização dos personagens na narrativa. Porém, a análise fora da cena enunciativa não é favorecida devido à necessidade de visualização das imagens para compreender a qual referente o sinalizador está se referindo, assim como ocorreu nas outras narrativas que analisamos até aqui. Segundo Cavalcante (2013), no momento em que o falante “aponta” para os elementos da situação, apresenta “como ponto de referência o lugar em que ocorre a enunciação” (CAVALCANTE, 2013, p.131). E isso os alunos não têm feito, devido à falta de maturidade textual nessa etapa da escolarização, imaginamos.

Nas frases seguintes a criança consegue retomar o referente “menino” com o uso da anáfora direta, pois o interlocutor consegue compreender que o termo “ele”, empregado na frase, refere-se ao termo “menino”: “aqui tem um menino [...] é [...] tava olhando pro

cachorro; aí depois ele, ele tava dando comida pro cachorro; aqui do lado ele tá chamando o cachorro para ir entrar na casa dele”.

Em relação à tipologia textual, neste texto há indícios tanto da tipologia descritiva quanto da narrativa. Como é possível ver a seguir, esse sujeito conseguiu identificar que o menino pede para ficar com o cachorro. Logo, o sujeito identificou o momento de maior tensão da narrativa: “aqui tem um menino [...] é [...] tava olhando pro cachorro; aqui do lado ele tá chamando o cachorro para ir entrar na casa dele; aqui o cachorro está entrando dentro do armário dele; aqui é o filho pedindo pra aqui [...] é [...] é a mãe vendo o cachorro aqui dentro do armário, do guarda roupa dele; aqui é a mãe abrindo o negócio, fazendo uma casa para ele; aqui é o menininho olhando como se faz a casa dele”.

A quinta narrativa foi produzida pela criança de nome D. F., do sexo masculino, com seis anos de idade. A narrativa está descrita abaixo:

- (5) O menino estava andando e o cachorro só, ele atravessou e viu e levou ele. Ele levou o cachorro para casa dele e escondeu ele dentro do guarda roupa. E a mãe dele foi olhar o guarda roupa tava o cachorro. Aí a mãe dele chamou ele e ele pediu para a mãe dele deixar o cachorro ficar aqui, a mãe dele deixou e falou: - Eu vou construir uma casa pra ele (D. F, sexo masculino, 6 anos).

A narrativa apresenta as expressões “o menino” e “o cachorro” como introdutores referenciais. Da mesma forma que a narrativa de Y. O, o aluno não trouxe para a narrativa os outros elementos da primeira imagem como introdutores referenciais. Essas duas crianças optaram por expor os referentes principais da história: o menino e o cachorro.

Além disso, verificamos o uso da dêixis espacial no seguinte trecho: “pediu para a mãe dele deixar o cachorro ficar aqui, a mãe dele deixou”. Nesse trecho, o termo “aqui” não favorece a busca do referente, pois o interlocutor precisa das imagens para visualizar o local na qual o menino pediu para deixar o cachorro. Ou seja, mais uma vez, não necessariamente o sujeito usou equivocadamente a dêixis, todavia, não foi possível identificar no material gravado. Além disso, identificamos a ocorrência da dêixis pessoal “eu” no seguinte trecho: “- Eu vou construir uma casa pra ele”.

Em relação à anáfora direta, a criança não conseguiu fazer referência ao que foi dito anteriormente de maneira adequada no seguinte trecho: “O menino estava andando e o cachorro só, ele atravessou e viu e levou ele”. Nessa frase, não podemos identificar se foi o cachorro ou o menino que atravessou e quem foi conduzido a algum lugar. Porém, se levarmos em consideração a coleta de dados em questão, que põe em cena um sujeito produzindo uma narrativa diante de uma sequência de figuras e um pesquisador, podemos inferir que foi o menino que atravessou a rua juntamente com o cachorro, uma vez que, de

acordo com nosso conhecimento de mundo, são os seres humanos que conduzem os cachorros e não o contrário.

D. F. foi a única criança, dessa amostra, a utilizar a tipologia narrativa de maneira mais completa, pois encontramos, em sua narrativa, todas as fases que compõem a história, a saber: o menino estava andando e o cachorro só, ele atravessou e viu e levou ele (situação inicial); ele levou o cachorro para casa dele e escondeu ele dentro do guarda roupa (complicação); e a mãe dele foi olhar o guarda roupa tava o cachorro (ação); aí a mãe dele chamou ele e ele pediu para a mãe dele deixar o cachorro ficar aqui, a mãe dele deixou (resolução) e falou: -Eu vou construir uma casa pra ele (situação final).

A sexta narrativa, de A. O., do sexo masculino, com seis anos de idade, segue a seguir:

- (6) Aqui tem um homem, uma mulher, um cachorro, aqui tem uma mulher, aqui tem um menino. O menino está olhando para o cachorro e essa aqui tá olhando para o cachorro e dando bolacha, pro cachorro ficar grande. Aqui o menino chegando da escola e fazendo psiu pro cachorro. Aí botou dentro do guarda roupa, pra não latir. Aí a mulher olhando o guarda roupa viu o cachorro. O menino falou assim: - Perdão mainha! Aqui tem um menino, uma caixa, um cachorro, uma mulher e uma faca. É uma casa de cachorro, o menino pro cachorro, pra ele dormi (A.O, sexo masculino, 6 anos).

Na narrativa, A. O. utilizou diversos introdutores referenciais, a saber: “um homem”, “uma mulher”, “um cachorro”, “ um menino”. Esse aluno foi o que mais apresentou detalhes sobre a primeira imagem. Os introdutores servem para colocar os referentes na cena enunciativa pela primeira vez (CAVALCANTE, 2013).

Além disso, sua narrativa apresenta dêixis espacial como pode ser constatado nos seguintes trechos: “Aqui tem um homem, uma mulher, um cachorro, aqui tem uma mulher, aqui tem um menino”, “e essa aqui tá olhando para o cachorro e dando bolacha”, “Aqui o menino chegando da escola e fazendo psiu” e “Aqui tem um menino, uma caixa, um cachorro, uma mulher e uma faca”. No segundo trecho, ocorre o uso concomitante de duas dêixis espaciais: a primeira sendo um pronome demonstrativo e a segunda um advérbio de lugar. Todos os trechos apresentam problemas com o sentido, pois sem a presença das imagens não podemos detectar onde os personagens estão localizados, na história.

Essa narrativa também apresenta a ocorrência da anáfora direta no seguinte trecho: “É uma casa de cachorro, o menino pro cachorro, pra ele dormi”. Nesse trecho, identificamos o uso correto da expressão referencial “ele” para fazer referência ao termo “cachorro”.

A criança apresentou uma percepção adequada da tipologia narrativa, mas a última fase da resolução não está completa, pois falta a parte em que a mãe constrói a casa para o cachorro. Na verdade há uma mistura da tipologia descritiva com a narrativa, com o predomínio da narrativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com Cavalcante (2013), diversos textos podem ter um mesmo referente, mas cada interlocutor pode utilizar das expressões referenciais de diferentes maneiras para representar este objeto de discurso. As narrativas selecionadas das crianças de nossa investigação mostraram essa diversidade na utilização das expressões referenciais nos textos produzidos.

No entanto, as narrativas demonstram que as crianças tiveram dificuldades na utilização das expressões referenciais, quais sejam: nas introduções referenciais, na utilização correta da dêixis e da anáfora direta, além de dificuldades na produção da própria narrativa, uma vez que encontramos, em algumas narrativas, o predomínio da tipologia textual dialogal ou descritiva ao invés da narrativa. Esse fato pode ser justificado pela possibilidade de o gênero quadrinhos não ser familiar aos sujeitos deste estudo. Isso pode ter sido um elemento dificultador para a constituição da história por trás das figuras. Talvez, um estudo com delineamento metodológico que controlasse essa variável mostraria resultados diferentes do deste estudo.

Além disso, constatamos que as dificuldades na utilização da referenciação, ou seja, na ausência de pistas linguísticas caras à coesão textual, não favoreceram a constituição das características estruturais do gênero narrativa oral com o predomínio da sequência textual narrativa. Outra hipótese que potencialmente pode justificar as dificuldades na referenciação tem a ver com um possível desconhecimento do gênero em questão, todavia, é menos provável, pois é comum crianças muito antes do início da escolarização já compreenderem e contarem histórias.

Os dados observados neste estudo permitem-nos especular que a referenciação pode estar relacionada a variáveis cognitivas como a memória de trabalho e componentes das funções executivas. Sendo assim, nossa investigação aponta para a importância de se trabalhar, desde a infância, as expressões referenciais de uma forma adequada para a faixa etária, pois a criança não saber utilizar referenciação pode comprometer o seu desempenho

escolar atual e posterior. Da mesma forma, os dados sugerem que a capacidade de referenciação pode ter potencialidade preditiva de aprendizado inicial da leitura e da escrita.

Em suma, a criança com conhecimentos sobre a referenciação consegue dar continuidade a narrativa, bem como ligar adequadamente as expressões referenciais a seus respectivos referentes, garantindo a compreensão da história. Dessa forma, o ensino da referenciação desde a pré-escola pode garantir ao aluno o adequado desempenho na leitura e na produção textual e oral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ayane Nazarela Santos; FREITAG, Raquel Meister Ko. Narrativas e o processo de alfabetização. *Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura*, São Cristóvão/SE: GELIC/UFS, V. 4, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

CAVALCANTE, Mônica. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTE, Mônica; CUSTODIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, referenciação e ensino*. Editora Cortez, 1ª edição- São Paulo, 2014.

GIL, Antônio Carlos; *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 6º Ed., São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed., 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. 20. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LE BOEUF, Chistine. *Raconte: 55 hisoiettes en images*. Paris: L'Ecole, 1976. In: VARGAS, R. *A referenciação na produção de narrativas orais no envelhecimento sadio e na doença de Alzheimer e sua relação com a escolaridade e o tipo de estímulo*. Dissertação de mestrado, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: \_\_\_\_\_. *Gêneros textuais: constituição e práticas sociodiscursivas*. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, análise de gênero e compreensão*; São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

**JANAINA SILVA OLIVEIRA**

Psicóloga pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Especialista em Neuropsicologia pela UNIGRAD, Mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Psicóloga do Nasf de ILHÉUS/BA, bem como Preceptora de Residência Multiprofissional em Saúde da família/ILHÉUS/BA. Ainda, pós-graduanda em Preceptoría no SUS pelo Hospital Sírio Libanês. E-mail: [jannypsico@gmail.com](mailto:jannypsico@gmail.com).

**MÁRCIA HELENA DE MELO PEREIRA**

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pesquisa temas relacionados à Linguística Textual, como: processo de construção de textos, gênese de texto, crítica genética, ensino de texto. E-mail: [marciahelenad@yahoo.com.br](mailto:marciahelenad@yahoo.com.br).

**RONEI GUARESI**

Doutor em Letras (2012) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente é professor adjunto e pesquisador da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase na aquisição e no aprendizado da leitura e da escrita em língua materna. E-mail: [roneiguaresi@uesb.edu.br](mailto:roneiguaresi@uesb.edu.br)

Enviado em 01/04/2017.

Aceito em 30/05/2017.